

ANÁFORAS ENCAPSULADORAS: UMA ANÁLISE EM TEXTOS DE OPINIÃO*

Encapsulating anaphors: an analysis in opinion texts

Roberlei Alves Bertucci**

1 INTRODUÇÃO

A lingüística textual tem defendido que os objetos-de-discurso em um texto não devem ser considerados como pré-existentes, mas que se constroem e se reconstróem no próprio texto. Um elemento bastante usado para retomar, construir e/ou reconstruir esses objetos é a *anáfora*. Ela é responsável por garantir, de alguma maneira, a progressão referencial e entendê-la é buscar um conhecimento dos recursos lingüísticos que contribuem para a construção do discurso.

Neste trabalho, *anáforas encapsuladoras* ou *encapsulamentos* serão entendidas como um tipo de expressão referencial que recupera uma parte do texto (ou do discurso) – e não apenas como um referente pontual – por meio de nominalizações, rótulos ou dêiticos.

Segundo Cavalcante (2003) os encapsulamentos estão entre as anáforas indiretas e diretas,¹ porque, se por um lado não existe um referen-

* Agradecimento especial à Prof.^a Dr.^a Iara Bemquerer Costa, da UFPR, pela preciosa revisão e orientação na produção do artigo.

** Mestrando em Estudos Lingüísticos pela UFPR.

¹ As anáforas indiretas são continuidades referenciais sem retomada, apenas com remissão a uma âncora no co(n)texto (CAVALCANTE, 2003, p. 113). Anáfora direta retoma um referente previamente introduzido, estabelecendo uma relação de co-referência entre a anáfora e o seu antecedente (MARCUSCHI, 2005, p. 55).

te pontual e específico ao qual a anáfora remeta, também pode-se dizer que ela recupera (sem retomar), de alguma forma, um trecho qualquer que já foi ou será apontado no co(n)texto. Para Koch (2004; 2005), esse tipo de anáfora pode funcionar tanto para rotular determinado trecho do texto, transformando-o em objeto-de-discurso e, assim, auxiliando na progressão textual, como ir mais além, contribuindo para avaliações subjetivas.

Baseando-se nos trabalhos de Koch (2004; 2005), Koch e Marcuschi (1998) e Cavalcante (2003), este artigo quer apresentar algumas características das anáforas encapsuladoras e analisá-las em alguns textos retirados do caderno “Opinião” do jornal *Folha de S. Paulo* (doravante FSP). Um outro objetivo é levantar hipóteses para a seguinte questão: qual a importância de um encapsulamento para um texto de opinião?

Inicialmente, tentarei contextualizar as anáforas encapsuladoras dentro da lingüística textual e dos processos de referenciação. Depois, apresentarei as características desse tipo de anáfora para fazer sua análise em textos de opinião. Em seguida, mostrarei que, embora a presença dos pronomes demonstrativos seja comum nas anáforas encapsuladoras, eles não são garantia da ocorrência desse tipo de anáfora e, por fim, levantarei hipóteses para o porquê da presença de encapsulamentos em textos de opinião.

2 A PROGRESSÃO TEXTUAL E OS OBJETOS-DE-DISCURSO

Falando sobre texto, Koch e Marcuschi (1998, p. 169) afirmam que “numa perspectiva macro, podemos admitir que ele se organiza e progride com base em dois processos: seqüencialidade e topicidade”. Para os autores, a *seqüencialidade* pode ser entendida como **progressão referencial**, que é a estratégia de designação de referentes, e *topicidade* como **progressão tópica**, que envolve o assunto ou tópico discutido no texto. São dois processos distintos, porém complementares, já que a seqüencialidade serve de base para o desenvolvimento de um tópico e a topicidade é a possibilidade de utilização da continuidade referencial, embora não a garanta.

Koch e Marcuschi (1998, p. 170) apontam ainda a dificuldade de se marcar a referencialidade em textos com mais de um tópico e questionam: “como sabemos a que é que um falante se refere em dado momento do texto se não explicita lingüisticamente (cotextualmente) o referente?”. Essa é uma pergunta pertinente quando se trata de anáforas encapsuladoras, como se vê em (1).²

² São meus todos os trechos em negrito, de todos os exemplos deste artigo. Trechos em itálico ou entre aspas são do original.

(1)

Se é verdade que no primeiro mandato Bush endureceu para garantir o segundo, terá agora a oportunidade de se redimir, voltando à legalidade que ele rompeu quando decidiu invadir o Iraque, desrespeitando a Carta das Nações Unidas e a consciência moral da humanidade.

Pessoalmente, não creio **nessa hipótese**. Lobo quando envelhece veste pele de cordeiro. Bush ainda está longe da velhice (Cony, C. H. *FSP*, 07 nov. 2004, Opinião, A2).

O leitor pode perceber que, nesse exemplo, o autor do texto, utilizando a expressão **nessa hipótese**, optou por rotular o que disse sobre uma possível mudança na conduta do presidente Bush no parágrafo anterior, transformando esse trecho em um objeto-de-discurso. Isso ajudou na progressão do texto, já que ele não precisou citar o trecho novamente. Mas a pergunta remodelada, de Koch e Marcuschi, continua: como saber a que o autor se refere com a expressão **nessa hipótese**? Como citarei no item 2, deste artigo, a anáfora encapsuladora é um tipo complexo de anáfora. Mas, nesse caso, acredito que a palavra **hipótese**, que significa “acontecimento incerto”, parece unir-se à opinião do autor: ele não acredita em uma possibilidade de “redenção” do presidente Bush. Há, então, uma hipótese (“oportunidade de se redimir, voltando à legalidade”) que não é provável na opinião do autor (“não acredito”).

A idéia de progressão textual torna-se importante para a análise dos encapsulamentos, que, como outros tipos de anáfora, auxiliam, de alguma forma, a possibilidade de se remeter a um trecho do texto.

Mondada e Dubois (2003), discutindo a respeito dos processos de referenciação e objetos-de-discurso, dizem que há duas idéias sobre língua concorrentes no Ocidente: uma que concebe a língua como um conjunto de etiquetas para as coisas do mundo e outra que entende a língua como sendo construída pelos sujeitos, “através de práticas discursivas e cognitivas social e culturalmente situadas” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 17). Desta forma, “categorias e objetos de discurso pelos quais os sujeitos compreendem o mundo não são nem preexistentes, nem dados, mas se elaboram no curso de suas atividades, transformando-se a partir dos contextos” (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 17).

Nesse sentido, Mondada e Dubois dirão que esses objetos são construídos no discurso pela escolha de categorias pelos falantes. Para as autoras (2003, p. 33), “uma categoria lexical impõe um ponto de vista”, que pode ser contestado ou negociado com outros falantes, a depender da caracterização que eles dêem daquele mesmo objeto.

Os objetos-de-discurso (possíveis referentes) são, portanto, ins-táveis porque são construídos ao longo do texto. No entanto, a presença de anáforas dá-lhes uma certa estabilidade, pois elas devem designar determinado objeto (ou porção textual), possibilitando uma certa progressão textual. É o que analisei com relação à expressão **nessa hipótese** no exemplo (1).

As anáforas encapsuladoras, segundo Koch (2004a, p. 255-256), podem funcionar apenas para rotular um “segmento anterior do texto, transformando-o em objeto-de-discurso e abrindo, assim, a possibilidade de progressão textual”, ou como “rótulos avaliativos”, que “têm o poder de orientar o interlocutor no sentido de determinadas conclusões”. Observe o exemplo (2).

(2)

O presidente do BNDES, Carlos Lessa, foi fiel à sua fama de homem polêmico, que não tem papas na língua, e tascou um substantivo que virou adjetivo para definir a política do Banco Central: “um pesadelo”. O alvo foi Henrique Meirelles.

(...) [José Alencar] foi mais longe: fez um rasgado elogio a Lessa – que acaba de bater no BC –, como “formidável”, “patriótico”, “profundamente probo”. O alvo foi quem? Henrique Meirelles.

Como quem caiu foi o presidente do Banco do Brasil, Cássio Casseb, e como o Copom discutia juro de novo ontem, não custa reunir **esses exemplos** para mostrar que há uma enorme insatisfação com a política econômica (...).

Fontelles, Dutra, Lessa e Alencar são “homens do presidente”, e a oposição fica meio apagada. Com **esse “fogo amigo”**, que fogo sobra para os pobres opositores? (Cantanhêde, E. FSP, 18 nov. 2004, Opinião, A2)

São bastante claros os dois caminhos propostos por Koch (2004a) para as anáforas encapsuladoras. A expressão **esses exemplos** rotula as opiniões de lideranças do governo expostas pela jornalista (apresentei 2 de um total de 4) sobre a política econômica do Banco Central. Isso transforma essas opiniões em objetos-de-discurso e ajuda na progressão textual. Se a expressão **esse “fogo amigo”** faz também uma transformação dessas opiniões em objeto-de-discurso e auxilia na progressão do texto, não se pode negar que ela está também carregada de uma opinião da jornalista, sendo uma forma de “orientar” o leitor na direção que ela quer dar aos exemplos apresentados.

3 ANÁFORAS ENCAPSULADORAS OU ENCAPSULAMENTOS

Ao propor uma tipologia para as anáforas, Apothéloz (2003, p. 71-72) chama de *anáfora por nomeação* a expressão referencial que, por meio de um sintagma nominal, “transforma em referente, quer dizer, em objeto individuado, o processo denotado por uma proposição anterior”. Além da nomeação, o autor afirma que esse tipo de anáfora pode ser a oportunidade de o falante “manifestar a sua subjetividade ou repetir a de outrem”. É o que se observa nos exemplos (1) e (2) analisados acima.

Partindo da proposta de Apothéloz e Reichler-Béguelin, entre outros, Koch e Marcuschi (1998) trabalham com o processo de progressão textual analisando as anáforas sob a perspectiva dos objetos-de-discurso, portanto mutáveis e construídas no todo do texto. Embora não utilizem o nome *encapsuladoras*, os autores citam exemplos desse tipo de anáfora dentro do processo de referenciação em que o objeto-de-discurso sofre, ao longo do texto, modificações na predicação de atributos, e concluem que a anáfora, nesse caso, “homologa” essas modificações. Analisando um exemplo de Apothéloz e Reichler-Béguelin, Koch e Marcuschi apresentam exemplos de anáforas encapsuladoras que se constroem como um processo, sem ter um referente específico ou pontual.

Koch (2005) dedica uma seção inteira do artigo para tratar dos *encapsulamentos*. Citando Conte, ela diz: “Fato bastante comum, em se tratando de remissão textual, é o uso de uma forma nominal para recategorizar segmentos precedentes ou subseqüentes do co-texto, resumindo-os e encapsulando-os sobre um determinado rótulo” (KOCH, 2005, p. 38). A autora cita ainda Schwarz, para quem os encapsulamentos são um tipo de “anáfora complexa”, em que o sujeito deve interpretar “referentes textuais abstratos e freqüentemente genéricos e inespecíficos” (KOCH, 2005, p. 38).

Essa complexidade é dada geralmente por expressões nominais (muitas vezes com demonstrativos) e, por isso, Koch (2005) diz que esse tipo de anáfora exige que o leitor entenda não só a expressão nominal utilizada, mas também a expressão referida. Os encapsulamentos, portanto, na visão de Koch, têm dois pontos principais: rotulam uma parte do texto (anáforica ou cataforicamente) e, ao mesmo tempo, criam um novo referente textual por meio da nominalização. Veja o exemplo (3).

(3)

As divergências, contudo, entre [Carlos] Lessa e as autoridades econômicas vão ultrapassando os limites toleráveis. O presidente do BNDES [Carlos Lessa], cuja filiação histórica às ideologias do

desenvolvimento tem-lhe valido acusações de anacronismo político e teórico, contribui ele mesmo, com suas atitudes e temperamentos polêmicos, para reforçar a imagem de um personagem folclórico à frente do maior banco de fomento da América Latina. **Essa percepção de Lessa como um “dinossauro” da economia a gracejar e desferir ataques contra [o ministério d]a Fazenda e o BC [Banco Central]** mina sua autoridade e oferece a seus adversários a oportunidade de pressionar não apenas por sua demissão mas também por uma mudança no perfil do BNDES. De fato, não parece ser outra a **intenção** dos que têm manifestado a favor de privar a instituição dos recursos do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT)... (Editorial, FSP, 17 nov. 2004, Opinião, A2).

Temos aqui dois bons exemplos de complexidade. No primeiro, todo o enorme trecho em negrito busca como referente praticamente os dois períodos anteriores. A **percepção como um “dinossauro”** vem do fato de Carlos Lessa ser acusado de “anacronismo político e teórico” além da contribuição dada por “suas atitudes e temperamentos”. É a essa percepção que o editorial se refere. O fato de esse “dinossauro” estar a **gracejar e desferir ataques contra a Fazenda e o BC** só pode ser entendido pelo início do parágrafo, em que o editorial diz das “divergências entre Lessa e as autoridades econômicas”. Nesse primeiro trecho, cuja interpretação vem do entendimento de duas partes do texto citadas anteriormente, a anáfora é encabeçada por um demonstrativo e seguida de uma grande expressão nominal. Além disso, é possível dizer que a percepção de Lessa como um “dinossauro” vai de encontro com o que diz Apothéloz (2003) no início deste item: utilizando uma anáfora para nomear, o falante quer “manifestar a sua subjetividade ou repetir a de outrem” (APOTHÉLOZ, 2003, p. 72). Se o editorial não manifesta a opinião do jornal, manifesta a dos inimigos de Lessa.

No segundo parágrafo do exemplo (3), a expressão em negrito é a **intenção**. Poderíamos perguntar: a que intenção o editorial se refere? É necessário destacar que antes se falou de uma “pressão” dos adversários para a demissão de Lessa e a mudança na política do BNDES. Sendo assim, parece mais razoável entender que os opositoristas dele não têm outra intenção que não seja a “de pressionar não apenas por sua demissão mas também por uma mudança no perfil do BNDES”, trecho presente no parágrafo anterior. Neste caso, não houve a presença de demonstrativo, mas de um pronome definido – “a”. Entretanto, a nomeação, a rotulação de um trecho, por meio de um encapsulamento (“a intenção”), ficou bastante notável.

Koch (2005) fala também da chamada *remissão metadiscursiva*, em que a rotulação “focaliza a própria atividade enunciativa” (KOCH, 2005, p. 41). Francis, apud Koch (2005, p. 42), denomina as rotulações metadis-

cursivas de “nomes-de-ação”, por meio das quais “*menciona-se* (grifo da autora) um segmento anterior do texto, qualificando-o metadiscursivamente”. No exemplo em (4), os termos **essa** e **opinião**, embora separados, formam uma mesma expressão referencial que recupera “Não me sinto um aliado ali. Me sinto um inimigo”. A expressão referencial também caracteriza o trecho como um processo cognitivo e, nos termos de Koch (2005, p. 42), toma o discurso, não o texto, como objeto-de-discurso.

(4)

Não me sinto um aliado ali. Me sinto um inimigo. **Essa** é não apenas a minha **opinião** mas a dos grupos Tortura Nunca Mais do Rio, São Paulo e Bahia... (Pinaud, J.L.D. FSP, 17 nov. 2004, Opinião, A2).

A última autora da base teórica deste artigo é Cavalcante (2003). Num artigo que propõe a classificação das expressões referenciais, ela situa os encapsulamentos no grupo das anáforas sem retomada.³ Para a autora (2003, p. 115),

encapsular consiste em resumir proposições do discurso empacotando-as numa expressão referencial, que pode ser um sintagma nominal (o quem tem recebido a denominação de “rótulo” – Francis, 1994), ou pode ser um pronome, geralmente demonstrativo.

Cavalcante (2003, p. 115-116) diz que a característica da anáfora encapsuladora é ser híbrida, já que não tem um referente pontual no texto (por isso tem característica de anáfora indireta), mas ao mesmo tempo “recupera [sem retomar] o que há no co(n)texto” (característica da anáfora direta). Observe o exemplo (5).

(5)

[O crime mais organizado que existe no país] é o assalto aos cofres públicos, sejam eles municipais, estaduais ou o federal. Em torno **desse verdadeiro esporte nacional**, formam-se dezenas de quadrilhas (...).

Um retrato acabado do grau de disseminação do assédio aos cofres públicos foi exibido no “Jornal da Record” da noite

³ Para Cavalcante (2003), a *retomada* constitui-se como correferencialidade ou recuperação parcial do referente.

de sexta-feira: gravações feitas legalmente mostram um interlocutor não-identificado conversando com Rogério Buratti, acusado de envolvimento em fraudes nas licitações para a coleta e varrição do lixo em várias cidades.

O sujeito propõe que se reúnam, aparentemente para discutir tram-biques, e sugere que a reunião, por cautela, se faça em um banheiro. Buratti recusa. Diz: “Posso ser acusado de corrupto, de boiola, não”. Ser suspeito de homossexualidade, o que não é crime nem pecado, é feio. Ser suspeito de corrupção soa comparativamente como uma distinção.

Esse tipo de mentalidade circula por aí tranqüilamente, nos melhores salões, tolerada por outros cidadãos e cidadãs acima de qualquer suspeita. Pobre país (Rossi, C. *FSP*, 07 nov. 2004, Opinião, A2).

Cabe verificar nesse exemplo que praticamente todas as expressões em negrito empacotam, nos termos de Cavalcante, algum trecho do texto. São três casos de anáfora, em que as expressões recuperam o que já foi dito, e um de catáfora, em que o trecho rotula o que o texto dirá em seguida.

Em **desse verdadeiro esporte nacional** encontra-se um rótulo avaliativo muito visível. O autor dá esse nome ao tipo de crime que considera mais organizado no Brasil: o assalto aos cofres públicos. Conforme as características apontadas por Cavalcante, esse é um exemplo de hibridismo em que o trecho se parece com uma anáfora indireta, porque não tem um referente pontual citado antes, e se parece com uma anáfora direta, porque é possível encontrar no texto os elementos que foram encapsulados pela anáfora. No último trecho em negrito – embora aconteça algo semelhante ao primeiro trecho negritado, havendo uma recuperação de todo um trecho do texto –, acontece também uma caracterização do autor para algo que ele mesmo constrói. Afinal, a **mentalidade** que ele acredita circular por aí é aquilo tudo que ele cita no parágrafo anterior.

No terceiro caso, recorri a Cunha e Cintra (2001, p. 341) para considerar que o “o” é um pronome demonstrativo que se refere “ao sentido geral de uma frase ou a um termo dela”. Assim, “ser suspeito de homossexualidade” é um trecho empacotado pelo pronome.

Por fim, o caso da catáfora. Em **um retrato acabado do grau de disseminação do assédio aos cofres públicos** temos um sintagma nominal que antecipa todo o trecho iniciado a partir dos dois pontos e que termina na última palavra do parágrafo seguinte. É um rótulo também avaliativo utilizado pelo autor. Um rótulo que ele aplica antes de explicitar o referente, ou seja, de relatar o fato exibido pelo Jornal da Record.

Cavalcante (2003) dá ainda uma sugestão: que se incluam nesse grupo de anáforas os chamados *dêiticos discursivos*, definidos por ela como

elementos que apresentam, a um só tempo, três características: (a) o encapsulamento, pelo qual o conteúdo resumido ganha estatuto de referente e é categorizado ou como pró-forma ou como rótulo; (b) o procedimento dêitico, pelo qual são orientados os focos de atenção dos interlocutores, por causa da presença de um dêitico; (c) a pressuposição do posicionamento do falante ou do destinatário na situação real de comunicação, também devido ao dêitico (CAVALCANTE, 2003, p. 116).

Para a autora há basicamente dois tipos de anáforas encapsuladoras com dêiticos: aquelas com SN, que podem ser encontradas, por exemplo, em (1) – **nessa hipótese** –, (2) – **esses exemplos** –, (3) – **essa percepção** – e (4) – **esse tipo de mentalidade** –, e aquelas com demonstrativo em si, como o *isso*. Veja o exemplo em (6).

(6)
O ajuste do elevado e renitente déficit em conta corrente dos Estados Unidos, mediante uma desvalorização do dólar, para estimular as exportações, pode ser mais complexo do que parece. Desde 2001, a moeda dos EUA se desvalorizou 20% diante de uma cesta de divisas de outros países, e o resultado negativo nas transações externas apenas se ampliou.
Isso parece indicar que o déficit em conta corrente dos EUA encerra um amplo conjunto de interesses globais. (...)
Desvalorizações acentuadas do dólar provocariam perdas de riqueza para todos os detentores de ações, títulos e outros ativos em moeda americana. Os bancos centrais asiáticos, por exemplo, detêm reservas estimadas em US\$ 2,2 trilhões, aplicadas em papéis dos EUA. **Isso** parece formar um “círculo de ferro” que agrava desequilíbrios globais (...).
A correção dos desequilíbrios – externo e fiscal – parece exigir uma contração da demanda doméstica americana, que poderia ser desencadeada por uma elevação mais acentuada das taxas de juros. **Isso**, no entanto, arrastaria a economia mundial para uma recessão... (Editorial, **FSP**, 07 nov. 2004, Opinião, A2).

A complexidade da interpretação de dêiticos como *isso* é uma das maiores dificuldades no estudo dos encapsulamentos. Embora ajude na progressão textual, poderíamos nos perguntar que objeto-de-discurso se constrói com o encapsulamento feito pelo demonstrativo no primeiro caso. Acre-

dito que há duas possibilidades: uma, a de haver uma referência a todo o parágrafo anteriormente citado. Ou seja, “isso” que “indica que o déficit...” é a complexidade da questão da desvalorização do dólar para o ajuste desse déficit e o resultado negativo nas transações externas. É uma interpretação aceitável. Outra possibilidade é a de o demonstrativo se referir apenas ao “resultado negativo nas transações externas” que se ampliou. Afinal, parece ser “isso” que está a “indicar que o déficit em conta corrente...”. Em um ou outro caso, a escolha do leitor parece não afetar a progressão textual.

No segundo caso, a pergunta é o que forma o “círculo de ferro”? O dêitico aqui parece ser de interpretação mais complexa ainda. Pela brevidade do artigo, minha resposta, embora sucinta, seria a seguinte: se os EUA querem exportar mais, é preciso que os países para os quais exportam tenham riqueza. Se muitos desses países perdem riquezas com a desvalorização do dólar, por possuírem reservas financeiras na moeda americana, logo, vão comprar menos e as exportações dos EUA tendem a não crescer. O editorial chama essa complexidade de “círculo de ferro”, por acreditar que a moeda americana é praticamente a “moeda mundial”, já que afeta não só os EUA, mas praticamente todo o resto do mundo.

O último caso se parece muito com o primeiro. No entanto, embora uma interpretação da anáfora encapsuladora (*isso*) possa ser direcionada a todo o parágrafo anterior, parece-me mais pertinente fazê-la ao trecho “uma elevação mais acentuada das taxas de juros”, que seria o principal condutor da economia mundial para uma recessão.

A complexidade, porém, pode ser menos complicada em alguns trechos. Em (7), os dois dêiticos destacados referem-se a um trecho específico (“a abertura dos arquivos”), não sendo possível mais de uma interpretação.

(7)

Sou a favor da abertura dos arquivos. **Isso** tem de ser feito de modo que não se cause trauma. **Isso** vai ser feito. É uma decisão que o governo vai tomar dentro do seu próprio ritmo (BASTOS, M. T. FSP, 18 nov.2004, Opinião, A2).

4 O PROBLEMA DOS PRONOMES DEMONSTRATIVOS

Uma consulta bastante apurada sobre os pronomes demonstrativos nas anáforas encapsuladoras mostrará que eles são muito recorrentes nesse tipo de expressão referencial. Muitos dos exemplos que estão neste

artigo têm pronomes demonstrativos encabeçando a expressão que serve como referência a um trecho do texto.

No entanto, é comum encontrar casos de expressões referenciais introduzidas por demonstrativos em que não se tem uma anáfora encapsuladora propriamente dita. O caso mais freqüente que encontrei nos artigos pesquisados é aquele ao qual Apothéloz (2003, p. 71) chama de *anáfora fiel*. Para o autor, *fiel* é o adjetivo atribuído à anáfora cujo referente tem o mesmo núcleo no SN, ou seja, a anáfora é composta de um determinante (artigo, pronome) e um nome, que é o mesmo já citado anteriormente na expressão introdutora do referente. Se, por outro lado, a retomada se der por meio de um sinônimo ou hiperônimo, a anáfora é dita *infiel*. Em geral, as anáforas (fiéis ou infiéis) com demonstrativos não serão encapsuladoras se estiverem retomando,⁴ total ou parcialmente, um termo já citado no texto. Exemplos assim são inúmeros. Observe (8) e (9).

(8)

No cargo de advogado da Casa Branca, que [Alberto Gonzales] ocupou durante o primeiro mandato de George Bush, Gonzales elaborou a doutrina governamental que, desde 11 de setembro de 2001, rege as leis entre a “guerra ao terror” e os direitos humanos.

Essa doutrina sustenta-se sobre dois memorandos. (...)

O segundo memorando foi escrito por Jay Bybee, assessor do Departamento de Justiça, depois nomeado juiz federal por Bush. **Esse documento** redefine o significado de tortura... (Magnoli, D. FSP, 18 nov. 2004, Opinião, A2)

(9)

Nas eleições municipais de 2004, senti a mesma coisa, mas com uma diferença. O desencanto em relação ao governo federal chegou muito cedo, em menos de dois anos, antes da metade do mandato.

Qual seria a causa **dessa decepção?**... (Moraes, A. E. de. FSP, 07 nov. 2004, Opinião, A2).

Nos termos de Cunha e Cintra (2001, p. 328), em **essa doutrina** o pronome demonstrativo cumpre uma função anafórica de “lembrar ao ouvinte ou ao leitor o que já foi mencionado”. Ou seja, a doutrina já foi mencionada e já se sabe qual é. A retomada acontece aqui por meio da *anáfora fiel*, ou seja, o núcleo do SN na expressão referencial é o próprio termo antecedente.

⁴ Nos termos de Cavalcante (2003, p. 109), ou seja, com correferencialidade.

No segundo caso, a análise é praticamente a mesma, com ressalva para a expressão **documento**, que marca uma *anáfora infiel*, pois retoma um termo (memorando) utilizando um hiperônimo para ele. Esse caso poderia ser considerado também um fenômeno de recategorização. Se o leitor não considerar o memorando como uma forma de documento, ele entenderá que o autor utiliza o termo de modo a dar um determinado *status* (documento) para algo que está próximo da informalidade (o memorando).

Em (9), tem-se um caso típico de sinonímia – portanto de *anáfora infiel* – em que a expressão referencial (essa decepção) retoma o antecedente “desencanto”.

Casos assim corroboram a afirmação de que os pronomes demonstrativos não são sempre condicionadores da presença de anáforas encapsuladoras.

5 A IMPORTÂNCIA DOS ENCAPSULAMENTOS PARA OS TEXTOS DE OPINIÃO

A partir das características e análises feitas neste artigo, é possível levantar algumas hipóteses que tentem mostrar a importância das anáforas encapsuladoras em textos de opinião.

Em primeiro lugar, elas são importantes para o texto de modo geral, já que, como disse no item 1, auxiliam na progressão textual e na progressão tópica por estabelecerem um objeto-de-discurso a partir de um trecho do texto.

Depois, como diz Koch (2004b, p. 71), um encapsulamento estabelece “um novo referente que, por sua vez, poderá constituir um tema específico para os enunciados subsequentes. É esta a razão por que, freqüentemente, aparecem em inícios de parágrafos”. Embora o que Koch (2004b) diz não seja uma regra, é ao menos comum que os encapsulamentos estejam ou no início de parágrafos, ou no início de períodos – podem-se verificar os exemplos apresentados neste texto.

A seguir, como consideram alguns teóricos, as anáforas encapsuladoras funcionam também como um rótulo avaliativo, pelo qual o autor do texto expõe a opinião dele próprio ou de outrem. Em textos de opinião, avaliar é parte da construção do texto. Se o autor tem um recurso que mostra essa avaliação, certamente poderá (e quererá) utilizá-lo.

Os textos opinativos pretendem, muitas vezes, convencer o leitor sobre determinado assunto. Para isso, constroem a imagem de algo da forma como querem que o leitor veja. Por meio dos rótulos avaliativos, o

encapsulamento pode conduzir o olhar do leitor para determinado foco. Foi isso que mostrei, por exemplo, em (2), analisando o termo “esse ‘fogo amigo’”.

Um outro aspecto interessante é que, na maioria dos casos, parece-me patente o uso de expressões genéricas, opiniões, declarações, hipóteses, argumentos etc. em textos de opinião. O autor trabalha um material muito abstrato, o que facilita o emprego das anáforas encapsuladoras. Schwarz, apud Koch (2004a), escreve sobre essa característica dos encapsulamentos em recuperar expressões genéricas e inespecíficas (ver item 3).

São razões que, ao meu ver, estabelecem uma relação entre os encapsulamentos e os textos de opinião e revelam a importância desse tipo de anáfora para esse tipo de texto.

CONCLUSÃO

Embora este artigo tenha feito uma série de análises com os encapsulamentos, inclusive levantando hipóteses a respeito da importância deles para os textos de opinião, quero deixar uma pergunta como tema para trabalhos futuros: como saber a que parte do trecho uma anáfora encapsuladora está se referindo? Seria muito importante investigar que mecanismo garante ao leitor uma interpretação adequada de uma expressão complexa como é o encapsulamento. Claro que, como falantes da língua, a interpretação desses termos parece ser bastante intuitiva e foi a intuição mesmo, na maioria das vezes, que utilizei para analisar os casos apresentados neste artigo. No entanto, uma investigação mais apurada poderia auxiliar no estudo das anáforas.

Ciente de que não abordei todos os aspectos possíveis dos encapsulamentos, indico as leituras que me serviram de base para este artigo a fim de completar determinadas lacunas que deixei ao longo do texto.

RESUMO

A partir das idéias de progressão referencial, objetos-de-discurso e referencialidade, este artigo se propõe a analisar a presença de anáforas encapsuladoras, também ditas encapsulamentos, em textos de opinião. Procura-se apresentar algumas características desse tipo de anáfora e, ao mesmo tempo, entender quais dessas características são mais comuns no texto opinativo. Além disso, o artigo apresenta algumas expressões

com pronomes demonstrativos, que são comuns nos encapsulamentos, que não estão no campo das anáforas encapsuladoras.

Palavras-chave: *anáfora encapsuladora; lingüística textual; texto de opinião.*

ABSTRACT

From the referential progression ideas, discourse objects and referentiality, this paper wants to analyze the occurrence of encapsulators anaphors, known as encapsulations, in the opinion texts. It finds to show some characters of this kind of anaphor and, at the same time, to comprehend what of these characters are more common in the opinion texts. Besides, the paper presents some expressions with demonstrative pronouns, that are commons in the encapsulations, that are not in the encapsulators anaphors field.

Key-words: *encapsulators anaphors; textual linguistics; opinion texts*

REFERÊNCIAS

- APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53-84.
- CAVALCANTE, M. M. Expressões referenciais – uma proposta classificatória. *Cadernos de estudos lingüísticos*, Campinas, v. 44, 2003.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 07 nov. 2004. Caderno “Opinião”.
- _____. São Paulo, 17 nov. 2004. Caderno “Opinião”.
- _____. São Paulo, 18 nov. 2004. Caderno “Opinião”.
- KOCH, I. G. V. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: FOLTRAN, M. J.; NEGRI, L.; OLIVEIRA, R. P. de. *Sentido e significação*: em torno da obra de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004a. p. 244-262.
- _____. *Introdução à lingüística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004b.
- _____. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 33-52.
- KOCH, I. G. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. *D.E.L.T.A.* São Paulo, v. 14, p. 169-190, 1998.

MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. In: KOCH, I. G. V.; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 53-101.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos-de-discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 17-52.